

A Fundação Rockefeller, o financiamento e a orientação temática e metodológica das pesquisas nas ciências sociais francesas na década de 1930

WALTER PRAXEDES*

Resumo: Este artigo aborda as possíveis influências da Fundação Rockefeller e suas subvenções financeiras às atividades de pesquisa nas ciências sociais francesas, tanto no que diz respeito às orientações temáticas, quanto em relação aos procedimentos metodológicos adotados pelos pesquisadores subvencionados na década de 1930, até a interrupção dos projetos de cooperação em decorrência da eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939. Referenciado teoricamente na sociologia da ciência proposta por Pierre Bourdieu, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental com o objetivo de contribuir para o debate sobre a influência da Fundação Rockefeller no processo de constituição do campo das ciências sociais na França, em razão da sua importância para a formação e institucionalização dessa área científica em vários países, incluindo o Brasil.

Palavras-chave: Sociologia da ciência; Pierre Bourdieu; Marcel Mauss; Fundação Rockefeller; Ciências Sociais. França.

The Rockefeller Foundation, funding and thematic and methodological orientation of research in the French social sciences in the 1930s

Abstract: This article addresses the possible influences of the Rockefeller Foundation and its financial subsidies to the research activities in the French social sciences, both with regard to the thematic orientations, as well as in relation to the methodological procedures adopted by the subsidized researchers in the 1930s, until the interruption of cooperation projects as a result of the outbreak of World War II, in 1939. Referenced theoretically in the sociology of science proposed by Pierre Bourdieu, a bibliographic and documentary research was carried out in order to contribute to the debate on the influence of the Rockefeller Foundation in the process constitution of the field of social sciences in France, due to its importance for the formation and institutionalization of this scientific area in several countries, including Brazil.

Key words: Sociology of science; Pierre Bourdieu; Marcel Mauss; Rockefeller Foundation; Social Sciences; France.



* **WALTER PRAXEDES** é Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo; Professor Associado da Universidade Estadual de Maringá; Membro de corpo editorial da Revista Espaço Acadêmico (UEM) e autor de *Principais correntes da Sociologia da Educação: autores e temas clássicos e contemporâneos* (São Paulo: Contexto, 2021 – em co-autoria com Nelson Piletti) entre outras obras.

Introdução

A atuação das fundações filantrópicas norte-americanas no ensino e na pesquisa em ciências sociais já ocorre há cerca de um século. Nesse período, as ciências sociais se consolidaram como modalidade de conhecimento científico e se institucionalizaram em universidades e centros de pesquisa existentes no mundo todo. Este artigo apresenta uma discussão delimitada espacial e temporalmente: a circulação de recursos e saberes entre agentes individuais e instituições norte-americanas e francesas na década de 1930. Mas o seu objetivo é consideravelmente ambicioso, uma vez que realiza uma sociologia da ciência que aborda as possíveis conexões entre o financiamento de pesquisas científicas por uma instituição privada, a Fundação Rockefeller, e as orientações temáticas e metodológicas adotados pelos pesquisadores subvencionados.

O enfoque foi dirigido para os primeiros projetos desenvolvidos pela Fundação Rockefeller na França na década de 1930, portanto, entre as duas grandes guerras, considerado como um momento histórico fundamental para a formação do campo das ciências sociais francesas. As pesquisas realizadas por Brigitte Mazon (1985; 1988), reiteradamente citadas a seguir, representam um esforço pioneiro de investigação dos arquivos das fundações filantrópicas norte-americanas. Embora já exista uma vasta bibliografia que trata dessa temática, parte da qual também discutiremos a seguir, a opção por uma análise mais cuidadosa dos trabalhos de Brigitte Mazon se justifica em razão da qualidade investigativa dos mesmos, bem como do amplo acesso às fontes arquivísticas das fundações filantrópicas norte-americanas por parte da autora. Por outro lado, também é relevante considerarmos que os trabalhos de Brigitte Mazon, que por

muitos anos foi a responsável pelos arquivos de *l'École des Hautes Études en Sciences Sociales*, são reconhecidos como uma “história oficial” da VI Section de *l'Ecole Partique des Autes Etudes (EPHE)*, criada em 1947, como apontou Serge Benest (2019, p. 14).

Como referencial teórico que orientou a elaboração deste artigo empregamos a teoria do campo científico proposta por Pierre Bourdieu. Para Bourdieu, muitas vezes desconsideramos que “a ciência é dependente de toda uma tecnologia de investigação... e tem uma história cumulativa, recursos acumulados, metodologias, instrumentos, bibliotecas, laboratórios” (BOURDIEU, 2004, p. 100), aos quais os cientistas deverão ter acesso para a realização do seu trabalho como pesquisadores. Por isso, ainda segundo, Bourdieu, “o sujeito da ciência não é o cientista singular, mas o campo científico” (BOURDIEU, 2004, p. 99). Dentro do campo científico atuam agentes com a responsabilidade de construir as condições institucionais, angariar e administrar recursos e impulsionar de inúmeras maneiras as iniciativas dos cientistas. Nesse sentido, tomamos em consideração que

o campo científico, se define entre outras coisas através da definição dos objetos em disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos... e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar neste campo. Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos em disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc. [...] (BOURDIEU, 1983, p. 89-91).

Os cientistas dependem das teorias e experiências científicas que foram

transmitidas pelos cientistas do passado, bem como de condições de vida, educacionais e culturais, universidades, laboratórios, editoras e meios de comunicação que demandam a existência de agentes profissionalizados, instituições científicas consolidadas e uma quantia considerável de recursos financeiros.

A discussão realizada neste artigo tem uma importância particular para os cientistas sociais brasileiros, uma vez que vários professores encarregados da fundação da Faculdade de Filosofia e do curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo vieram da França a partir de 1934.

A chegada da Fundação Rockefeller na França

Desde a sua criação oficial, em 1913, a Fundação Rockefeller, uma iniciativa do empresário do setor petrolífero John D. Rockefeller, passou a patrocinar “a maior parte dos centros universitários americanos de ciências sociais (Chicago, Harvard, Columbia, Yale, etc.), e, na Europa, a “London School of Economics” e a “Deutsche Hochschule für Politik”, de Berlin, e, mais tardiamente, na França, vários centros de pesquisa em ciências sociais na década de 1930.” (MAZON, 1985, p. 317)

A chegada da Fundação Rockefeller na França ocorreu a partir de 1917, promovendo campanhas contra a tuberculose, dando continuidade aos projetos envolvendo a saúde pública desenvolvidos nos Estados Unidos, na América Latina, incluindo o Brasil, e na Ásia. De acordo com Ludovic Tournès,

... a política científica da Fundação Rockefeller consiste em favorecer a criação de instituições de ensino superior e de pesquisa, em regiões estratégicas do mundo, quer se dediquem aos domínios das ciências da vida ou das ciências sociais. No

período entre as duas Grandes Guerras, a Fundação ajudará, assim, mais de 120 instituições, principalmente universidades, em 30 países do mundo, da Bélgica à China, passando pelo Japão, o Brasil, a França, a Inglaterra ou a Alemanha (TOURNÈS, 2011, p. 166).

No período compreendido entre as duas Grandes Guerras, de 1918 a 1939, poucos recursos financeiros eram destinados pelo Estado francês para as pesquisas em ciências sociais. Como escreveu Brigitte Mazon (1985, p. 312), em razão da verdadeira condição de “penúria” em que se encontravam o ensino e a pesquisa em ciências sociais na França, aos poucos o Estado foi deixando de ser considerado a única fonte orçamentária pelos professores e pesquisadores das disciplinas de sociologia e etnologia, que passaram a buscar novas fontes de financiamento para os seus projetos.

O sociólogo Célestin Bouglé, por exemplo, conhecido como um dos principais continuadores da obra de Émile Durkheim, e também como o professor que telefonou para o seu ex-aluno Claude Lévi-Strauss para convencê-lo a aceitar o convite para lecionar sociologia na Universidade de São Paulo, em 1934, só conseguiu financiamento para criar o Centro de Documentação Social da Escola Normal Superior, em 1920, graças a uma doação de 20 mil francos anuais realizada pelo banqueiro e filantropo Albert Kahn (MAZON, 1985, p. 313). Com esse dinheiro era pago o salário de um secretário e arquivista, e realizada a compra de revistas, livros e materiais de consumo. Porém, a crise financeira internacional de 1929 provocou a ruína nos negócios de Albert Kahn, levando a que o Centro de Documentação perdesse a sua única fonte de financiamento.

A falta de recursos fez com que alguns dos principais acadêmicos franceses das

décadas de 1920-30 buscassem o apoio financeiro da Fundação Rockefeller. Encarregado de avaliar as condições institucionais das ciências sociais, em um relatório redigido para a Fundação, em 1929, o professor de ciência política da Universidade de Chicago, Charles Edward Merrian, chegou à conclusão de que existia um verdadeiro “caos reinando nos estudos sociais”, naquele país, uma vez que “a organização da pesquisa em ciências sociais era praticamente inexistente” (Apud MAZON, 1985, p. 319-320). Poderíamos afirmar, em uma tentativa de contraposição à afirmação de Merrian, que a avaliação negativa sobre a situação das ciências sociais francesas seria decorrente das concepções científicas e metodológicas próprias de um cientista social norte-americano e representantes da Fundação Rockefeller. Entretanto, a documentação existente indica que várias das principais lideranças acadêmicas franceses insistentemente demandaram o patrocínio para as suas iniciativas junto à Fundação, argumentando a respeito da precariedade das condições de ensino e pesquisa em ciências sociais no período entre guerras.

Os projetos de Marcel Mauss

Desde que iniciou as negociações para financiar os projetos comandados por Charles Rist, professor de Economia da Faculdade de Direito, e Marcel Mauss, professor de sociologia e etnologia da École Pratique de Haute Études, em meados da década de 1920, a Fundação Laura Spelman Rockefeller (nome dado à Fundação em homenagem à esposa de John D. Rockefeller) se propunha a fornecer os recursos financeiros necessários para que as ciências sociais francesas desenvolvessem novas metodologias científicas baseadas na “observação dos fatos”, rompendo, assim “com uma tradição europeia impregnada

de filosofia ou de história e julgada muito especulativa” e “teórica” pelos dirigentes da Fundação (MAZON, 1985, p. 318).

Através do apoio à criação de novos centros de pesquisa e à formação de uma nova geração de pesquisadores, as ciências sociais deveriam alcançar, na França, o mesmo nível de desenvolvimento das ciências físicas e naturais. A Fundação também propunha um recorte temporal para as novas pesquisas sociais, de modo a que fossem dirigidas para investigar os “fenômenos econômicos, políticos e sociológicos concretos e contemporâneos.” (MAZON, 1985, p. 318)

A partir de 1931, a Fundação Rockefeller passou a patrocinar as atividades do Instituto Científico de Pesquisas Econômicas e Sociais, comandado por Charles Rist, e que contava com autonomia jurídica e financeira em relação aos poderes públicos para gerir os recursos financeiros recebidos. O Instituto de Charles Rist passou a receber, assim, uma subvenção de 350 mil dólares, para se dedicar à realização de pesquisas quantitativas sobre a economia internacional e sobre as condições de vida e de emprego dos trabalhadores franceses, em um amplo programa de pesquisas “empíricas sobre a vida econômica e social contemporânea. Essa instituição deveria assegurar a formação de uma nova geração de economistas, rompendo com uma tradição de estudos considerados pelos Americanos e por Charles Rist como puramente especulativos e teóricos.” (MAZON, 1985, p. 322).

Mas a Fundação Rockefeller ainda considerava muito restrita a iniciativa comandada por Charles Rist. Mesmo com os seus representantes mantendo pouca simpatia pela figura de Marcel Mauss e a um projeto de pesquisa submetido pelo antropólogo à Fundação, em 1929,

passaram a realizar as tratativas para o financiamento das atividades previstas.

Para Maus as dificuldades das ciências sociais francesas se concentravam mais na falta de condições para a realização de pesquisas e não propriamente nas atividades ligados ao ensino. Por isso ele propunha a criação de um instituto especializado na realização de pesquisas e na formação de uma nova geração de pesquisadores, com recursos para ajudar os cientistas mais experientes e bolsas de estudos para financiar as atividades dos jovens pesquisadores.

O projeto submetido por Mauss à Fundação Rockefeller previa a realização de uma ampla variedade de cursos, envolvendo “bibliografia, métodos quantitativos e estatísticos; geografia humana, política e histórica; história geral das sociedades (por regiões, ex: China, Islam, Pós-Guerra, etc.); história comparada” (MAZON, 1985, p. 324). Como Mauss havia visitado os Estados Unidos a convite da Fundação Rockefeller, ele voltou à França com a intenção de criar em seu país aquelas condições materiais para as atividades em grupo que ele observou na Universidade de Harvard.

A Fundação Rockefeller avaliou negativamente o projeto de Marcel Mauss. Segundo Brigitte Mazon (1985, p. 325), “a Fundação havia suscitado um projeto geral para o desenvolvimento das ciências sociais na França, mas o julgou muito vasto. Ela (a Fundação) esperava, sem o formular explicitamente, um plano geral, estruturado em torno de uma concepção precisa dos programas (dirigidos aos fenômenos sociais concretos e contemporâneos) e uma definição dos métodos (observação científica, análises quantitativas), com o objetivo geral de um melhor controle social”.

Além dessa avaliação negativa quanto ao projeto apresentado por Mauss, apesar de sua eleição para o prestigioso Collège de France, em novembro de 1930, Brigitte Mazon considera que também pesava contra o antropólogo a sua proximidade em relação aos movimentos políticos socialistas. Outra razão para as dificuldades de estabelecer uma boa relação com Mauss era a sua rivalidade com Charles Rist, com quem a Fundação Rockefeller mantinha um ótimo entendimento. Rist era professor de economia, dirigente do Banco da França e originário de uma família burguesa, liberal e protestante, enquanto Marcel Mauss era originário de “uma família judaica da Lorraine, sobrinho de Durkheim, e de convicções socialistas”, que, apesar de sua “imensa erudição teórica, jamais havia realizado pesquisas de campo.” (MAZON, 1985, p. 327)

De fato, era de conhecimento público que o grupo de acadêmicos durkheimianos mais prestigiosos se afinava mais com os movimentos políticos de esquerda. O próprio Durkheim, falecido em 1917, François Simiand, Maurice Halbwachs, Celestin Bouglé e Mauss publicaram artigos regularmente no jornal *L’Humanité* (BOURDIEU, 2015, p. 444), que havia sido fundado pelo histórico socialista francês Jean Jaurès, com quem Durkheim e Mauss mantiveram laços de amizade, e que foi assassinado em 1914.

Levando em consideração todos esses fatores, os representantes da Fundação tentaram “descartar” Maus e seu projeto da iniciativa de subvencionar as ciências sociais francesas. Mas o antropólogo não se deu por vencido. Em 23 de outubro de 1931 escreveu um memorando argumentando em um tom de apelo em defesa da subvenção norte-americana: “Por que a Fundação destina milhões em subvenções em favor de programas de pesquisa na Inglaterra e na Alemanha,

enquanto que, com uma despesa menor, Paris teria a possibilidade de produzir resultados científicos mais importantes e satisfatórios?” (MAUSS Apud MAZON, 1985, p. 326).

Naquele mesmo ano, Marcel Mauss realizou uma nova solicitação de subvenção à Fundação Rockefeller, propondo a criação de uma nova seção da *Ecole Pratique des Hautes Études*, especializada na formação de pesquisadores de economia, sociologia, ciência política, direito e história social. Mas o representante da Fundação na França ainda não se deu por vencido e comentou para os seus superiores em Nova York que mesmo com esse novo projeto proposto por Marcel Mauss, tinha “pouca confiança nele como líder” (MAZON, 1985, p. 326). Em 1932, Mauss volta a fazer uma nota tentativa, tentando convencer tanto os americanos quanto as autoridades francesas a cooperarem com um programa de desenvolvimento das ciências sociais na França.

Para realizar o seu objetivo de fomentar o desenvolvimento das ciências sociais francesas, insatisfeita com a liderança e os projetos apresentados por Marcel Mauss, a Fundação Rockefeller decide apoiar o Conselho Universitário de Pesquisa Social da Universidade de Paris, sob a liderança do reitor Sébastien Charléty e de Célestin Bouglé. Diretor da Escola Normal Superior, Bouglé também pertencia ao primeiro staff de sociólogos durkheimianos e era “radical-socialista”, segundo a opinião de seu aluno Raymond Aron (1986, p. 92).

Sob a direção de Charléty, a Fundação Rockefeller realiza, em 1932-1933, a “subvenção modesta de 3 mil dólares” para três institutos: O Instituto de Direito Comparado da Faculdade de Direito; o Instituto de Etnologia, que havia sido criado por Marcel Mauss em 1925, e que

receberia a pequena verba como uma espécie de compensação pelas recusas aos seus projetos anteriores; e, por fim, o Centro de Documentação Social de Célestin Bouglé, que havia viajado aos Estados Unidos a convite da Fundação Rockefeller, em 1929, para a inauguração do Instituto de Chicago e tinha uma boa relação com Charles Merrian, o representante da Fundação em Paris. (Mazon, 1985, p. 329). Mesmo com a modesta subvenção Bouglé convida alguns jovens pesquisadores para a realização de projetos de pesquisa, dentre os quais estaria Raymond Aron, a partir de 1934. Segundo Brigitte Mazon,

[...] em 1934-1935, esse financiamento de institutos isolados estava arriscado, segundo a Fundação Rockefeller, a reforçar os individualismos”, e por isso resolve colocar um fundo global de 300 mil francos (cerca de 21 mil dólares) “à disposição do reitor para subvencionar e coordenar um programa de pesquisas em ciências sociais. Esses fundos deveriam ser “destinados, em particular, a possibilitar a organização de projetos de pesquisas como um meio de familiarizar os jovens integrantes da universidade com os métodos de observação e de trabalho necessários para a solução dos problemas econômicos, sociológicos e políticos. (MAZON, 1985, p. 330)

Esse novo programa de pesquisas ficaria sob a responsabilidade de Célestin Bouglé e seria implementado até 1939, envolvendo dezenas de pesquisadores em um grande número de projetos de pesquisa, publicação de revistas, organização de arquivos e bibliotecas de ciências sociais dirigidos por acadêmicos como Lucien Febvre, Célestin Bouglé, Maurice Halbwachs, Paul Faulconnet, Lucien Lévi-Bruhl, já contando com a participação de jovens pesquisadores como Georges Devereux, Claude Lévi-

Strauss, Raymond Aron, André Leroi-Gourhan, Jean Stœtzl, dentre tantos outros envolvidos em pesquisas sociais das mais diferentes temáticas. Um quadro completo com a divisão orçamentária dos fundos Rockefeller destinados ao Conselho Universitário de Pesquisa Social, os títulos dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos, os diretores responsáveis pelas pesquisas e os principais colaboradores pode ser encontrado em Mazon (1985, p. 332-333).

Embora entre os colegas e estudantes da época, todos soubessem que “Mauss detestava viajar, mesmo pela Europa, e, tirando um curto período no Marrocos, nunca fez pessoalmente nenhum trabalho de campo significativo” (Wilcken, 2011, p. 26), no final da década de 1920 o etnólogo passou a encorajar seus alunos a realizarem pesquisas empíricas na Ásia e na África. Tendo fundado o Instituto de Etnologia da Universidade de Paris em agosto de 1925, junto com Lucien Lévi-Bruhl e Paul Rivet, a partir de 1931, graças às subvenções da Fundação Rockefeller para a realização dos trabalhos de campo, Mauss passou orientar seus alunos para que realizassem trabalhos empíricos, “inaugurando oficialmente a era das grandes pesquisas de campo da etnologia francesa”, como recordou Ludovic Tournès (2011, p. 1396).

A etnologia francesa se tornou, assim, mais profissionalizada e, aos poucos, os pesquisadores passaram a adotar ferramentas estatísticas para a classificação rigorosa dos objetos recolhidos nas atividades de campo. Vários alunos de Mauss receberam bolsas de estudo para dar continuidade à formação nos Estados Unidos e financiarem suas pesquisas. O primeiro aluno bolsista de Marcel Mauss foi

Georges Devereux, escalado para uma pesquisa na Indochina, em 1932-1934.

Como já havia sido apontado no relatório escrito em 1929 por Charles Merriam, a formação científica dos novos pesquisadores era considerada muito teórica. Por isso, eles deveriam aprender diretamente nos Estados Unidos os métodos de observação e pesquisa empírica, baseados na coleta de dados e estudo experimental dos fatos. (CEREA, 2016, p. 68)

Antes da partida de Devereux para realizar sua pesquisa na colônia francesa, considerada um “campo muito perigoso”, a Fundação Rockefeller exigiu que o jovem pesquisador realizasse uma “formação preliminar nos Estados Unidos, com o objetivo de aprender os rudimentos da pesquisa de campo, seguida por uma experiência “prática” junto a uma população menos perigosa. É assim que Devereux... parte como “Research Fellow” da Rockefeller para os Estados Unidos, “para se dedicar a estudos antropológicos [...] de grande valor para o Governo Francês”, como recordou Alessandra Cerea (2016, p. 68), com base em sua pesquisa sobre a trajetória de Georges Devereux.

Depois de abordar prioritariamente o financiamento das pesquisas, Brigitte Mazon levanta, embora não as discuta exaustivamente, algumas questões importantes sobre as contribuições propriamente intelectuais das fundações filantrópicas norte-americanas no desenvolvimento das ciências sociais na França, particularmente no que diz respeito às orientações temáticas e metodológicas das pesquisas subvencionadas.

Uma primeira dessas questões diz respeito às precauções da direção divisão de ciências sociais da Fundação Rockefeller em Nova York, que

considerava “mais inteligente” demonstrar que a sua presença na França havia sido fortemente solicitada “por acadêmicos franceses competentes, cientes da necessidade de uma metodologia indutiva (nas ciências sociais)” (Apud MAZON, 1985, p. 336). Segundo Brigitte Mazon,

Esse desejo de não dar a impressão de uma direção manifesta da Fundação está inscrito nos hábitos de discrição que, em princípio, cercaram as intervenções da Fundação Rockefeller no domínio científico. A Fundação não gostou particularmente da menção “graças às liberalidades da Fundação Rockefeller ...” freqüentemente usada no topo dos relatórios oficiais franceses sobre o desenvolvimento das ciências sociais na França. “Eu me pergunto se essas menções são realmente necessárias ...”, escreveu em uma oportunidade T.B. Kittredge ao secretário do Conselho Universitário de Pesquisa Social; “... em geral, a Fundação prefere que seja feita a menor menção possível às suas doações”. Para ela, se tratava de preservar uma imagem de imparcialidade. (MAZON, 1985, p. 336-337)

Os dirigentes da Fundação Rockefeller pretendiam consolidar os novos processos formativos de pesquisadores de alto nível familiarizados com métodos de “sociologia indutiva”, baseados em técnicas de estudo experimental e em procedimentos de pesquisa empírica. Na avaliação de Brigitte Mazon, os acadêmicos franceses beneficiados com as subvenções da Fundação, sob a liderança de Célestin Bouglé, acolheram aparentemente “sem reservas” as orientações recebidas, satisfeitos que estavam com o fato de que “pela primeira vez, o dinheiro estava disponível para subvencionar as enquetes, missões de

trabalho de campo, as pesquisas coletivas”. (MAZON, 1985, p. 337)

Quanto à orientação temática, o reitor da Universidade de Paris, Sébastien Charléty, passou a trabalhar para que as “velhas tradições históricas e filosóficas”, até então predominantes, não influenciassem as novas pesquisas financiadas pela Fundação Rockefeller (MAZON, 1985, p. 339). Uma situação muito representativa dessa influência sobre as definições temáticas das pesquisas ocorreu em 1933, quando um representante da Fundação na França, J.V. Sickel, questionou Charléty a respeito de um projeto de pesquisa sobre a história da Revolução Francesa que teria sido submetido aos financiadores. Segundo Brigitte Mazon, Sébastien Charléty, que era historiador, “paradoxalmente... teria recusado seu apoio através de uma resposta relatada nos seguintes termos: “Afinal, sabemos o suficiente sobre a Revolução Francesa”, teria dito Charléty, que “deplorou a atenção excessiva prestada aos aspectos históricos dos problemas no lugar de uma convergência de esforços para a compreensão dos processos sociais existentes e a possibilidade de controle e melhoramento” (MAZON, 1985, p. 339). O Reitor da Universidade de Paris manifestava, assim, o seu apoio aos objetivos da Fundação Rockefeller, que era “conhecer melhor os mecanismos da sociedade contemporânea a fim de adquirir os meios de controle social” (MAZON, *idem*).

Em 1930, o primeiro diretor da Divisão de Ciências Sociais da Fundação Rockefeller, Edmund E. Day, declarou expressamente: “A pedra de toque do programa de ciências sociais deverá ser encontrada, após alguns anos de experimentação, em um controle social efetivo. Portanto, orientamos em nosso programa uma experiência em duas

direções. Primeiro, um teste de aplicação de métodos científicos para a análise de fenômenos sociais; e em segundo lugar, uma experiência de usar os resultados obtidos pela análise científica para obter métodos reais de controle social." (DAY Apud Mazon, 1985, p. 339)

Embora sem concordar totalmente com os objetivos utilitaristas dos financiadores norte-americanos, Marcel Maus, no artigo "*La sociologie en France depuis 1914*", publicado em 1933, manifesta expressamente uma concepção de pesquisa social indutiva que demonstra uma grande afinidade com as orientações emanadas da Fundação Rockefeller:

Queria aos céus que a descrição das chamadas sociedades primitivas não fosse a única que exigisse nossa colaboração e utilizasse nossos métodos. Eles devem ser aplicados intensa e imediatamente a qualquer observação de nossas sociedades. Se o avanço de nossas teorias sofrer, se atrasar, como é o nosso caso, devemos participar desse trabalho de observação imediata, dirigi-lo; é nossa função. Gostaríamos que novas descrições, detalhadas, quantificadas, mapeadas ou registradas em planos em pequena escala, fotografadas, cinematografadas, expressas em curvas e diagramas, etc., se multiplicassem por todas as nossas grandes sociedades, por seus elementos. Componentes, nossas cidades, nossos campo, nossas raças e nossas famílias. Gostaríamos que a segurança e a sutileza de nossas gravações se estendessem à história [...] Mas a publicação de documentos já profundamente analíticos, selecionados, tratados sistematicamente, sobre a sociedade de hoje não atingiu conosco a perfeição que se obteve nos Estados Unidos na análise sociológica da vida de certas grandes cidades, ou

que caracteriza o inquérito iniciado em Londres e actualmente publicado. Devemos agora fixar com todos os recursos de nossas ciências as características fundamentais das sociedades em que vivemos. Aqui, teoria e prática, a ciência de hoje e a de amanhã, estão fundamentalmente e igualmente interessadas (MAUSS, 1933, p. 13).

Como pode ser interpretado a partir da leitura dessa passagem do artigo de Marcel Mauss e foi apontado por Brigitte Mazon (1985, p. 337), "as orientações temáticas e metodológicas privilegiadas pela Fundação Rockefeller aos poucos deveriam modificar profundamente os trabalhos de pesquisa das ciências sociais francesas". Os acadêmicos e administradores universitários franceses, em busca de financiamento para os seus projetos, tiveram que dialogar com representantes da Fundação Rockefeller que defendiam "uma concepção tecnicista e utilitarista do saber" (TOURNÈS, 2011, p. 1374). Esse diálogo influenciou profundamente o processo de constituição do campo das ciências sociais francesas na década de 1930.

Considerações finais

A Fundação Rockefeller já havia manifestado a sua intenção de continuar com a colaboração com as universidades francesas partir de 1940. O novo responsável pela área de ciências sociais na Fundação, Joseph H. Willis, viajaria para Paris em abril de 1940 para negociar com Sébastien Charléty a continuidade dos projetos de pesquisa em ciências sociais, mas diante da ameaça de invasão à cidade pelas tropas alemãs o projeto foi interrompido. "Em outubro de 1940 o governo americano proíbe todos os movimentos de fundos em direção à Europa; as últimas subvenções ocorrem em fevereiro de 1941." (TOURNÈS, 2011, p. 247) 1399). Com a ocupação

alemã consumada desde maio de 1940, a Fundação Rockefeller deixa o território francês em meados de 1941, e interrompe a sua participação nos projetos que em que havia participado antes de 1939. (TOURNÈS, 2011, p. 248)

A ocupação nazista foi devastadora para toda a sociedade francesa e não foi diferente para Marcel Maus e o grupo de intelectuais durkheimianos mais próximos. Em agosto de 1942, aos 70 anos, Marcel Maus “e a esposa acamada foram expulsos do amplo apartamento que ocupavam no Boulevard Jourdan, que foi requisitado para o maior conforto de um general alemão. Estudantes ajudaram Mauss a salvar sua biblioteca, que ficou guardada no Musée, antes de se mudar para um pequeno apartamento térreo, “frio, escuro e sujo” na rue Georges de Poto-Riche, no 14º Arrondissement. Naquele outono, ele foi obrigado, com todos os demais judeus, a costurar uma estrela amarela no casaco” (WILCKEN, 2011, p. 149).

Lévi-Strauss, que havia retornado do Brasil em 1939, foi demitido do trabalho em um Liceu de Perpignan, em outubro de 1940, com base no Estatuto Judaico que começou a vigorar em Vichy. Anos depois ele chegou a declarar que, na época, “já se sentia uma forragem em potencial para o campo de concentração” (WILCKEN, 2011, p. 123). Graças ao apoio da Fundação Rockefeller, Lévi-Strauss recebeu um convite para trabalhar em Nova York, e conseguiu embarcar em um navio em direção aos Estados Unidos, juntamente com mais 350 “indesejáveis”, em 25 de março de 1941. (WILCKEN, 2011, p. 126)

Os principais responsáveis pela direção das pesquisas e gestão dos fundos destinados para as ciências sociais francesas morrem durante ou logo após a Segunda Guerra. Reitor da Universidade de Paris até 1937, Sébastien Charléty

falece em fevereiro de 1945; Celestin Bouglé morreu em 1939 com “indizíveis sofrimentos, de um câncer que se generalizou” (Aron, 1986, p. 177). Maurice Halbwachs, que fora o responsável pela continuidade da revista fundada por Durkheim, *Annales Sociologiques*, e coordenava o Instituto francês de sociologia, acabara de ser eleito para a cadeira de sociologia do Collège de France, quando foi preso sob a acusação de participação no movimento de Resistência à ocupação nazista, sendo deportado para campo de concentração de Buchenwald, na Alemanha, onde morreu em março de 1945 em razão dos maus tratos e de uma infecção intestinal.

Em entrevista a Marcel Fournier, um ex-aluno de Mauss, Pierre Métais, recorda que logo depois da guerra, “Mauss tomava a sopa popular. Relembrando isso, eu choro de pena” (Apud FOURNIER, 2003, p. 11). Em 1948, Lévi-Strauss chegou a procurar Mauss para que orientasse o seu doutorado, mas com problemas de saúde e com perda de memória ele já não o reconheceu. (WILCKEN, 2011, p. 147). Marcel Mauss falece em 10 de fevereiro de 1950 aos 77 anos. Seu enterro, no cemitério parisiense de Bagneux, segundo as lembranças de Métais, “foi triste. Éramos apenas cinco ou seis”..., “e com a fisionomia enrijecida pela raiva”, acrescentou: “Não lhe direi quem estava lá, pois ficaria sabendo quem não estava”. (Apud FOURNIER, 2003, p. 11)

Bouglé, Halbwachs e Mauss eram os últimos representantes diretos da escola durkheimiana. Nos anos seguintes, uma nova geração de professores, pesquisadores e gestores universitários assumiria o protagonismo no processo de institucionalização do campo das ciências sociais na França, que culminou na criação da *Ecole Pratique des Hautes Etudes (EPHE) - VI Section*, em 1947. Os

novos protagonistas nesse processo serão, inicialmente, os historiadores Charles Morazé e Lucien Febvre e, em seguida, Fernand Braudel e o intelectual e administrador de instituições científicas Clemens Heller. Para a implementação do projeto de criação da Sexta Seção da EPHE eles terão que contar também com as subvenções da Fundação Rockefeller, continuadas, posteriormente, pela Fundação Ford.

Referências

ARON, Raymond. Memórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BENEST, Serge. Recomposition de l'ordre disciplinaire et analyse des faits économiques: le cas de la VI^e Section et de l'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Economies et finances. Université Paris Saclay (COMUE), 2019.

BOURDIEU, Pierre. Para uma sociologia da ciência. Lisboa: Edições 70, 2004.

_____. *Os usos sociais da ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Unesp, 2004B.

_____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. "O campo científico". In: ORTIZ, Renato. *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *Sociologie Générale*. Vol. 1. Paris: Raisons d'Agir/Seuil, 2015.

CEREA, Alessandra. Al di là dell'etnopsichiatria. Georges Devereux tra scienza ed epistemologia. Dottorato di Ricerca in Science, Cognition and Technology. Alma Mater Studiorum – Università di Bologna in cotutela con l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, Bologna-Paris: 2016.

FOURNIER, Marcel. "Para reescrever a biografia de Marcel Mauss". RBCS. Anpocs. Vol. 18 n°. 52 junho/2003.

MAUS, Marcel. "La sociologie em France depuis 1914". Extraí de la Science Française, Tome I. Paris: Larousse, 1993, pp. 36-46. Disponível em:

http://classiques.uqac.ca/classiques/mauss_marcel/oeuvres_3_11/sociologie_en_france.html.

Acesso em 08/05/2021

MAZON, Brigitte. La Fondation Rockefeller et les sciences sociales en France, 1925-1940. In: Revue française de sociologie, La sociologie française dans l'entre-deux-guerres. Etudes et documents réunis par Philippe Besnard. 1985, 26-2. pp. 311-342;

_____. Aux origines de l'École des hautes études en sciences sociales: Le rôle du mécénat américain, 1920-1960, Paris, Les Éditions du Cerf, 1988, 187 p.

_____. L'historien et ses archives. In: Matériaux pour l'histoire de notre temps, n°69, 2003. Regard sur les associations. pp. 66-72. Disponível Em: https://www.persee.fr/doc/mat_0769-3206_2003_num_69_1_402442 Acesso em 09/05/2021

TOURNÈS, Ludovic. Le réseau des boursiers Rockefeller et la reconstitution des savoirs biomédicaux en France (1920-1970) Ludovic Tournès. French Historical Studies, Vol. 29, No. 1 (Winter 2006) Copyright © 2006 by the Society for French Historical Studies. Published by Duke University Press

_____. La fondation Rockefeller et la construction d'une politique des sciences sociales en France (1918-1940). Annales. Histoire, Sciences sociales, Armand Colin, 2008, 63 (6), pp. 1371-1402.

_____. *Sciences de l'homme et politique Les fondations philanthropiques américaines en France au xxe siècle*. Paris: Classiques Garnier, 2011.

_____. "Comment devenir une superpuissance intellectuelle? La fondation Rockefeller et la documentation scientifique (1918-1939)". In: HAUSER, Claude; LOUË, Thomas; MOLLIER, Jean-Yves; VALLOTON, François. *La diplomatie par le livre. Réseaux et circulation internationale de l'imprimé de 1880 à nos jours*. Paris, Nouveau Monde Editions, 2011. PP. 165-180.

WILCKEN, Patrick. Claude Lévi-Strauss o poeta no laboratório. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

Recebido em 2021-05-14

Publicado em 2021-07-01